

Com clima favorável, moagem deve superar 630 mi de t em 25/26

Prof. Dr. Marcos Fava Neves
Vinícius Cambaúva
Beatriz Papa Casagrande

Nosso boletim mensal em parceria com a Assocana começa destacando:

NA CANA, a moagem acumulada desde o início da safra 2024/25 até 01/02 na região Centro-Sul foi de 614,2 mil t, configurando uma queda de 4,9%, ante as 646,0 mi de t registradas no mesmo período no ciclo anterior, de acordo com a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar). A entidade destaca que esse momento é de entressafra na região, sendo que o processamento deve começar a se restabelecer na metade de março.

As condições climáticas passaram a ser mais favoráveis desde novembro para a cana-de-açúcar, trazendo perspectivas mais positivas para a safra 2025/26. As chuvas acima da média nos últimos 4 meses ajudaram a reverter o déficit hídrico causado pela estiagem no final da última moagem, principalmente no oeste paulista, onde a produtividade pode crescer até 8%, segundo o professor Fabio Marin, da Esalq/USP. Caso esse aumento se estenda pelo Centro-Sul, a região poderá compensar grande parte da quebra da temporada 2024/25, que teve uma média de 69,7 t/ha (-10,8%). No entanto, fatores como as ondas de calor previstas para fevereiro, a área destinada ao replantio, os investimentos no manejo agrícola e estratégias adotadas para o impacto dos incêndios ainda influenciarão o volume final da colheita. A produtividade da primeira fase da safra já apresenta sinais de melhora, enquanto o desempenho da etapa intermediária tende a se manter estável e a última parte da colheita pode superar os resultados do ciclo atual.

NO AÇÚCAR, a fabricação acumulada da safra é de 39,8 mi de t, isto é, uma retração de 5,5% frente ao ciclo anterior (42,1 mi de t), segundo a Unica. Enquanto isso, nas exportações, o país embarcou 2,1 mi de t em janeiro, configurando uma redução expressiva de 34,9% ante o mesmo período de 2024 (3,2 mi de t), de acordo com o Mapa. Já o valor exportado foi de US\$ 994 mi, com queda anual de 41,5% (era US\$ 1,7 milhão do ano passado). Com isso, preços médios caíram 10,1% para US\$ 482/t, frente US\$ 537/t há um ano.

De acordo com a Hedgepoint Global Markets, a produção de açúcar no Brasil para a safra 2025/26 deve atingir 43,3 mi de t, um aumento anual de 8,5%. O crescimento é reflexo da maior disponibilidade de cana e direcionamento da matéria-prima para a produção do adoçante. No entanto, a recuperação pode ser limitada pelas condições desfavoráveis em 2024. A produtividade média esperada é de 82,0 t/ha, com uma colheita projetada em 630,0 mi de t, superando as 617,7 mi estimadas para 2024/25. Além disso, as exportações devem crescer, alcançando 34,3 mi de t em 2025/26, porém, a infraestrutura logística do país, já sobrecarregada por safras recordes de milho e soja, representa um desafio adicional.

Enquanto isso, na Tailândia (2º maior exportador global), a produção de açúcar pode atingir seu maior volume em 7 anos na safra 2025/26, impulsionada pela migração de agricultores da mandioca para a cana devido à queda nos preços da raiz. Segundo o Mitr Phol Group, a colheita de cana deve crescer de 92 para 105 mi de t, elevando a produção de açúcar de 10,3 para 11,5 mi de t. Com um consumo interno baixo, entre 2,5 e 3 mi de t, o excedente deverá reforçar as exportações.

NO ETANOL, a produção do biocombustível no acumulado da safra 2024/25 somou 33,2 bilhões de litros, isto é, 3,43% acima do mesmo período do último ciclo, sendo 21,1 bilhões de litros foram de etanol hidratado (+9,8%) e 12,1 bilhões de anidro (-6,1%).

Do total, a fabricação do etanol proveniente do milho foi de 6,8 bilhões de litros, um aumento expressivo de 31,3% no comparativo com o mesmo período do ano anterior. Essa produção com origem no cereal já é maior do que todo o volume produzido na temporada 2023/24, configurando um recorde na região. Dados também são da Unica.

As vendas de etanol nas unidades do Centro-Sul atingiram 3,1 bilhões de litros em janeiro, um avanço de 2,1% em relação ao ciclo passado. No mercado interno, o volume vendido do biocombustível do tipo hidratado foi de 1,8 bilhão de litros (+3,9%), enquanto o anidro totalizou 1,1 bilhão de litros em vendas (+5,3%). Vale ressaltar que na última metade de janeiro o volume do hidratado no mercado doméstico superou a marca de 1 bilhão de litros pela primeira vez na safra corrente, se tornando o maior valor quinzenal observado desde julho de 2019. Já no acumulado da safra até 01/02, as vendas tiveram crescimento de 10,7%, totalizando 29,8 bilhões de litros: 19,2 bilhões de litros de hidratado (+18,2%) e 10,6 bilhões de litros de anidro (-0,6%).

VALOR DO ATR: no primeiro mês de 2025, o preço do Açúcar Total Recuperável (ATR) fechou o mês em R\$ 1,2866/kg, praticamente o mesmo valor do mês anterior; dados foram divulgados pelo Consecana. O histórico da safra 2024/25 é composto por:

abr/24, R\$ 1,1879/kg;	set/24, R\$ 1,1507/kg;
mai/24, R\$ 1,1684/kg;	out/24, R\$ 1,1716/kg;
jun/24, R\$ 1,1635;	nov/24 R\$ 1,2294;
jul/24, R\$ 1,1759/kg;	dez/24 em R\$ 1,2872/kg;
ago/24, R\$ 1,1730/kg;	e jan/25 em R\$ 1,2866/kg.

No acumulado da safra, o valor do ATR está em R\$ 1,1886/kg, em linha com a nossa sugestão de que fique entre R\$ 1,18 e R\$ 1,19 até o final da safra.

Os cinco fatos da cana para acompanhar em março:

1. Seguir observando o clima e as estimativas de moagem para a safra 2025/26, que se inicia em abril. As mais recentes indicam 630 a 650 mi de t. Analisar a previsão do mix de produção pelas usinas, considerando um aumento na oferta dos produtos e seus impactos em preços.

2. No mercado de combustíveis, vamos avaliar o preço do petróleo. Desde o último mês, os barris registram queda média de US\$ 10. Com maior produção prevista e ritmo menor da demanda, as previsões atuais indicam baixa nos preços para os próximos meses.

3. Resultado do item anterior, importante acompanhar como essas baixas impactam o etanol, em vista da tendência de queda no preço da gasolina e menor competitividade. No Centro-Sul, os preços do biocombustível seguem mais elevados na entressafra, mesmo com maior oferta do etanol de milho.

4. No açúcar, analisar os contratos futuros e entender como a safra brasileira maior (e a tendência de crescimento na oferta do adoçante pelas usinas) pode impactar o mercado. Apesar da alta pontual nos preços esse mês, estando acima dos 20 cents/lbp, a tendência é de retração no cenário atual.

5. Por fim, observar como as medidas de Donald Trump podem afetar o setor energético global. O presidente norte-americano já criticou as taxas brasileiras para venda do biocombustível (EUA são nosso principal comprador) e tem se posicionado cada vez mais favorável ao petróleo e outras fontes não renováveis; além de estar cessando alguns tratados como o “Acordo do Clima de Paris”, alterando a política energética.



Marcos Fava Neves é professor Titular (em tempo parcial) da Faculdade de Administração da USP (Ribeirão Preto - SP) e da Harven Agribusiness School (Ribeirão Preto - SP). Sócio da Markestrat Group. É especialista em Planejamento Estratégico do Agronegócio. Confira textos e outros materiais em DoutorAgro.com e veja os vídeos no Youtube (Marcos Fava Neves).

Vinícius Cambaúva é associado na Markestrat Group e professor na Harven Agribusiness School, em Ribeirão Preto - SP. Engenheiro Agrônomo pela FCAV/UNESP, mestre e doutorando em Administração pela FEA-RP/USP. É especialista em comunicação estratégica no agro.

Beatriz Papa Casagrande é consultora na Markestrat Group, aluna de mestrado em Administração de Organizações na FEA-RP/USP e especialista em inteligência de mercado para o agronegócio.